

O comércio exterior do RS de janeiro a outubro de 2004: uma avaliação

Sônia Unikowsky Teruchkin*

Economista da FEE.

Resumo

Este artigo analisa o desempenho do comércio exterior do Rio Grande do Sul de janeiro a outubro de 2004 e, em particular, detalha as exportações, onde se observou a relevância dos produtos do agronegócio, do polietileno e dos segmentos de veículos, tratores, suas partes e acessórios, bem como de máquinas e aparelhos mecânicos. Quanto ao destino das mercadorias, destacou-se o elevado crescimento das vendas para a América do Sul e o Japão. Não obstante a maior diversificação de produtos e de mercados, ainda mais de um terço do valor exportado manteve-se concentrado em apenas três capítulos (calçados, fumo e carne) e em três países (Estados Unidos, Argentina e China).

Palavras-chaves

Exportações; Rio Grande do Sul; 2004.

Abstract

This paper analyzes the performance of the foreign trade of Rio Grande do Sul, from January to October 2004, particularly exports. A great relevance was verified for agribusiness products; polyethylene; vehicles, tractors, parts and accessories; as well as machines and mechanical equipment. As far as the place of destination of goods is concerned, high sales' growth to South America and Japan were confirmed. In spite of the largest diversification of products and markets, still

* A autora agradece às Economistas Beky Moron de Macadar e Teresinha Bello pelos comentários e sugestões e ao estagiário Guilherme Rosa de Martinez Risco pela elaboração das tabelas.

more than a third of the value exported was concentrated in only three chapters (footwear, tobacco and meat) and in three countries (Unites States, Argentina and China).

Artigo recebido em 23 dez. 2004.

1 - Introdução

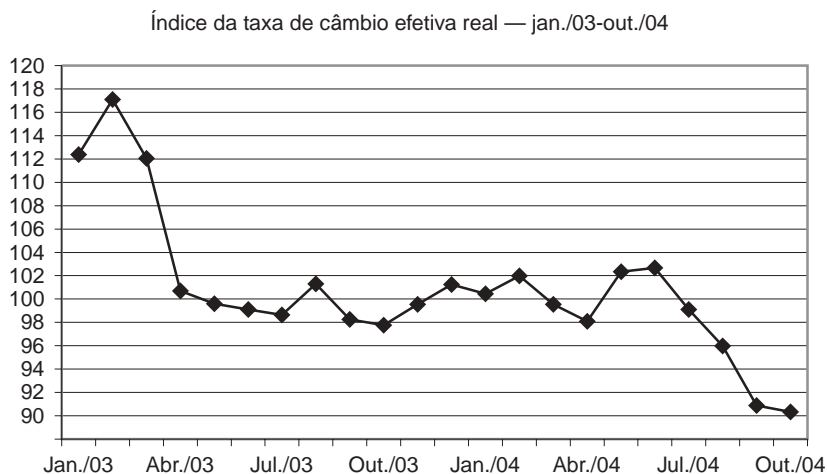
O objetivo deste artigo é analisar o desempenho do comércio exterior do RS, nos primeiros 10 meses de 2004, com os dados disponíveis quando da realização deste estudo. Para tanto, este trabalho está subdividido em cinco partes. Na seção 2, são feitas algumas considerações sobre as repercussões da apreciação cambial ao longo do ano. A seguir, é efetuada uma análise da balança comercial, onde se consideram as exportações e as importações por categoria de uso e fator agregado. Após, analisam-se, particularmente, as exportações, agrupadas por capítulos, de acordo com a classificação da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), e por subcapítulos, que englobam os primeiros quatro dígitos das mercadorias, e por destino. Por fim, são feitas algumas considerações finais.

2 - A apreciação cambial

Em 2004, ao contrário do ano anterior, não houve discussão sobre se a taxa de câmbio estava ou não apreciada, pois os dados indicaram essa apreciação, inclusive nominalmente. No início de janeiro de 2003, a taxa de câmbio nominal atingiu R\$ 3,52 por dólar e, com pequenas oscilações no decorrer do ano, apresentou uma tendência declinante, chegando seu valor nominal a R\$ 2,88 por dólar em princípio de janeiro de 2004. Algumas oscilações elevaram seu valor nominal ao longo do ano, seguidas de quedas nominais, alcançando em torno de R\$ 2,85 no final de outubro. Contudo a queda em valor real, isto é, retirada a taxa de inflação brasileira e a dos principais parceiros comerciais do Brasil, foi muito mais acentuada, conforme pode ser visualizada no Gráfico 1,

onde se apresenta o índice da taxa de câmbio efetiva real¹ de janeiro de 2003 a outubro de 2004, tendo como base a média de 2000, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Gráfico 1



FONTE: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

NOTA: Os dados têm como base a média de 2000 = 100.

Apesar da apreciação do real em relação ao dólar, as exportações nacionais e estaduais cresceram, nestes últimos 10 meses, acima das importações. As explicações para tal foram que as maiores baixas na taxa de câmbio, ocorridas ao longo dos meses, aconteceram após vários contratos de câmbio já estarem realizados; o fato de o incremento dos preços internacionais das *commodities* agrícolas ter sido favorável na época das vendas para o Exterior das principais safras agrícolas do País; e que, quando da queda dos preços internacionais das *commodities* agrícolas, com a entrada da safra norte-americana, grande parte dos contratos de exportação brasileiros e gaúchos de produtos agrícolas já estava realizada. Ademais, deve-se ter presente que a desvalorização do dólar

¹ A taxa de câmbio efetiva real — índice com média 2000 = 100 — é calculada pelo expurgo do Índice de Preços por Atacado-Oferta Global (IPA-OG) e dos Índices de Preços por Atacado (IPAs) dos 16 mais importantes parceiros comerciais do Brasil da série nominal da taxa de câmbio (R\$/US\$), ponderada pela participação de cada parceiro na pauta do total das exportações brasileiras em 2001 (Instituto, 2004).

frente ao euro e a manutenção de diversas divisas asiáticas ligadas ao dólar favoreceram as vendas para os mercados da zona do euro e para grande parte dos países asiáticos, como a China. Segundo Ferreira (apud Manzano, 2004), Sócio-Diretor da Global Invest, o maior problema reside no fato de que as economias asiáticas, detentoras de grandes volumes de reservas e de títulos norte-americanos, relutam em valorizar as suas moedas, como China, Hong Kong, Taiwan e Cingapura, ou o fazem timidamente, como Japão e Coréia do Sul.

Se, por um lado, as *commodities* reagem menos às alterações cambiais, pois dependem mais da oferta e das condições de mercado, por outro, nos manufaturados, as variações cambiais são mais relevantes e possuem maiores impactos sobre os preços de venda. Essa situação reflete-se de forma mais intensa nos países onde predomina a venda de produtos manufaturados, como os Estados Unidos, do que naquelas onde as vendas de produtos básicos são mais relevantes, como a União Européia. Deve-se ter em conta que a “crise do dólar” — desvalorizado em relação às outras moedas — dificulta o incremento das vendas para os Estados Unidos, o que, aliado aos grandes déficits em conta corrente desse país, poderá gerar novas dificuldades aos exportadores brasileiros, além das já existentes, com o recrudescimento do protecionismo desse país.

A apreciação cambial do real, adicionada à alta nos custos industriais, reduziu a rentabilidade das exportações brasileiras e gaúchas e dificultou a situação financeira de algumas empresas, uma vez que é difícil para o exportador repassar ao importador suas perdas, exceto no caso de algumas poucas empresas que possuam o posicionamento de marcas no Exterior. Se continuar esse quadro, a situação ainda poderá comprometer as exportações de outros produtos industriais, em futuro próximo, especialmente a daqueles de baixo valor agregado, que são mais sensíveis ao câmbio. Contudo é importante ter presente que muitas empresas que exportam e também importam puderam diminuir as perdas da apreciação do câmbio, onde se destacam as multinacionais, que, através do *hedge*, reduziram parte do custo de produção e diminuíram os riscos cambiais, como será visto mais adiante. Além disso, como algumas empresas têm claro que é difícil reconquistar mercados externos perdidos, preferem continuar exportando, apesar da queda da rentabilidade. Isto porque é elevado o custo para entrar e se manter nos mercados internacionais, tendo em vista os gastos de comercialização, assistência pós-venda e propaganda, dentre outros.

3 - A balança comercial

No período compreendido pelos primeiros 10 meses de 2004, as exportações do Rio Grande do Sul atingiram o valor de US\$ 8.273,2 milhões, e as importações, US\$ 4.220,9 milhões, com um crescimento de 23,4% e 17,2%, respectivamente, em relação a jan.-out./03. Por decorrência, o saldo comercial continuou sendo favorável (US\$ 4.052,2 milhões), com um incremento de 30,7%.

Tendo em vista que qualquer análise em nível estadual deve contemplar o contexto nacional, uma vez que todas as políticas macroeconômicas são definidas nesse nível, é importante ter presente que, nos primeiros 10 meses de 2004, o crescimento brasileiro das vendas externas (31,1%) e das importações (27,4%) foi superior ao do RS (Tabela 1). Por decorrência, após ter elevado sua participação na corrente de comércio nacional em jan.-out./03, em relação a idêntico período de 2002, no acumulado jan.-out./04, houve uma perda de participação, passando as exportações gaúchas a representarem 10,5% do total nacional, e as importações, 8,3% (Tabela 2). Até outubro de 2004, o RS era o segundo maior estado exportador, seguido, muito de perto, por Minas Gerais e Paraná.

Tabela 1

Balança comercial do Rio Grande do Sul e do Brasil — jan.-out. 2002-04

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (US\$ 1 000 FOB)			VARIÇÃO %	
	Jan.-Out./02	Jan.-Out./03	Jan.-Out./04	2004/2003	2003/2002
RS					
Exportação	5 394 026	6 702 489	8 273 160	23,4	24,3
Importação	2 794 800	3 602 095	4 220 931	17,2	28,9
Saldo	2 599 226	3 100 393	4 052 229	30,7	19,3
Brasil					
Exportação	49 992 498	60 355 989	79 121 457	31,1	20,7
Importação	39 946 633	40 028 747	51 002 251	27,4	0,2
Saldo	10 045 865	20 327 241	28 119 206	38,3	102,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 2

Participação da balança comercial do RS na do Brasil — jan.-out. 2002-04

(%)

DISCRIMINAÇÃO	JAN-OUT/02	JAN-OUT/03	JAN-OUT/04
Exportação	10,8	11,1	10,5
Importação	7,0	9,0	8,3
Saldo	25,9	15,3	14,4

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

As políticas estaduais de atração de novos investimentos realizadas em anos anteriores estimularam uma desconcentração das exportações regionais — apesar de ainda serem concentradas nas Regiões Sul e Sudeste do País — e a instalação de filiais de empresas localizadas nas Regiões Sul e Sudeste em outros estados, principalmente nos da Região Nordeste. Exemplo típico dessa situação foram os grandes investimentos da indústria calçadista do RS, em especial na Região Nordeste, muitos dos quais voltados à exportação. Além do mais, os principais estados das Regiões Sul e Sudeste, com grande representatividade na pauta exportadora brasileira, denotaram maiores taxas de crescimento das exportações que o Rio Grande do Sul no período em análise.

O dinamismo das exportações brasileiras nos primeiros 10 meses de 2004 foi acompanhado de um significativo crescimento das importações em relação ao mesmo período do ano anterior, de forma distinta da ocorrida em 2003, quando elas ficaram praticamente no mesmo nível do período jan.-out./02. Já no RS, o incremento das importações de janeiro a outubro de 2004 (17,2%), em relação ao mesmo período de 2003, foi menos significativo que a variação nos primeiros 10 meses de 2002-03, apesar de a apreciação da moeda ter favorecido as importações, ao mesmo tempo em que o incremento das exportações deveria incitar as importações, em especial de bens intermediários e de bens de capital, para a ampliação das plantas industriais.

Por fator agregado, mais da metade do valor exportado e importado pelo RS foi de produtos manufaturados, seguidos dos básicos, de acordo com uma tendência já verificada ao longo da última década. Entretanto foram os produtos básicos que apresentaram a maior taxa de crescimento do valor exportado, tendo em vista que o crescimento das quantidades foi acompanhado por um elevado acréscimo de preços de exportação, onde desponta o caso dos grãos de soja — apesar de sua queda nos últimos meses do ano, com a entrada da safra norte-americana — e das carnes de suíno e frango.

Por setores de contas nacionais, os principais produtos exportados foram os bens intermediários (55,6%), particularmente os insumos industriais, seguidos dos bens de consumo, em especial os não duráveis. Já os produtos importados mais representativos em valor e que apresentaram significativas taxas de crescimento foram os combustíveis e lubrificantes (42,7% do total importado), com destaque para óleos brutos de petróleo e naftas, cujo aumento da quantidade importada foi acompanhado de acréscimos do preço médio, devido à elevação das cotações internacionais do produto. Seguiram-lhes os bens intermediários, em especial os insumos industriais (32,3%), denotando um aquecimento da demanda interna por bens ligados à atividade produtiva. Todavia cabe evidenciar que as importações de bens de capital apresentaram taxas negativas de incremento.

O incremento das vendas brasileiras e gaúchas no acumulado jan.-out./04, em comparação aos mesmos meses de 2003, deve-se, em especial, ao forte aumento de preços internacionais de produtos primários e de *commodities* industriais, em razão do crescimento econômico mundial, particularmente da economia chinesa e da recuperação da norte-americana, ambas com elevado peso no Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Cabe destaque à desvalorização do dólar frente ao euro e ao iene, que estimulou as importações da zona do euro (parte da União Européia) e do Japão. Essas circunstâncias favoreceram uma elevação da demanda e dos preços, tendo em vista as atuais condições da oferta mundial. Portanto, o acréscimo de preços médios de produtos primários e de *commodities* industriais foi acompanhado de um incremento das quantidades exportadas, o que neutralizou, em grande parte, a perda de rentabilidade das empresas, com a valorização da moeda brasileira.

Além disso, salienta-se a importância das empresas multinacionais tanto na pauta de exportação brasileira como na gaúcha. Dentre as 40 maiores empresas exportadoras, quase a metade, em nível tanto nacional como estadual, são multinacionais, muitas das quais realizam operações intrafirmas — entre subsidiárias ou com a matriz no Exterior — ou usam o País e, nesse caso, também o Rio Grande do Sul como plataformas de exportação de produtos elaborados no mercado interno. Muitas dessas empresas, particularmente as de produtos manufaturados, são grandes importadoras de insumos e componentes, como é o caso, por exemplo, no Estado, da AGCO do Brasil Comércio e Indústria Ltda. e da John Deere Brasil Ltda. No Rio Grande do Sul, sobressaem-se, pelo valor exportado, as multinacionais ligadas à área de alimentos, como a Bunge Alimentos S/A e a Cargil Agrícola S/A, e do fumo, como a Universal Leaf Tabacos Ltda., a Diamond do Brasil Tabacos Ltda. e a Meridional de Tabacos Ltda., dentre outras.

Ainda em relação ao incremento das exportações, deve-se ressaltar a penetração de empresas em novos mercados, tendo em vista uma política empresarial mais agressiva, com uma maior participação das empresas em eventos internacionais, muitos dos quais estimulados pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex/Brasil), de forma individual ou em consórcios, que favorecem, em especial, as pequenas e médias empresas, ao diluírem os riscos e os custos para entrarem e se manterem nos mercados internacionais.

Já no que se refere às aquisições externas do RS, o crescimento do valor importado foi muito maior que o da quantidade, o que denota um incremento no preço médio dos produtos importados, como foi o caso de combustíveis, adubos e fertilizantes, por exemplo, com repercussões nos preços internos de produção e distribuição, em virtude de sua relevância nos custos das empresas. Os principais capítulos e mercadorias importadas foram o NCM 27 - combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais: óleos brutos de petróleo, naftas para petroquímica e outras naftas; o NCM 84 - reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc., mecânicos: motores diesel/semidiesel, partes de máquinas e aparelhos para colheita, debulha, etc., discos magnéticos, motocompressores herméticos para equipamentos frigoríficos, máquinas e aparelhos mecânicos etc.; e o NCM 31 - adubos e fertilizantes: outros cloretos de potássio, didrogeno-ortofosfato de amônio e uréia com teor de nitrogênio superior a 45% em peso. Neste último capítulo, destacaram-se as importações realizadas pelas multinacionais Bunge Fertilizantes S/A, Cargil Fertilizantes e Unifertil Universal de Fertilizantes S/A.

Quanto à origem das importações, destacam-se, por sua participação na pauta importadora, Argentina (23,4%), Nigéria (15,8%), Argélia (10,8%) e Estados Unidos (8,8%). Por blocos econômicos, sobressaem-se a África (exclusive Oriente Médio), com 29,8%, por conta do petróleo, o Mercosul (26,4%) e a União Européia (15,6%).

É interessante observar que todo esse crescimento na corrente de comércio no Brasil e, especificamente, no RS ocorreu a despeito de várias manifestações dos empresários e das associações de classe quanto à precária infra-estrutura existente, aliada à falta de contêineres e de navios para embarque de mercadorias, o que aumentou os custos dos fretes, e à elevada taxa de juros no mercado interno.

4 - O desempenho das exportações gaúchas

As vendas externas gaúchas nos primeiros 10 meses de 2004 já superaram o valor total embarcado ao longo de todo o ano de 2003, que foi de US\$ 8.013,6 milhões. Nesse período, destacaram-se as exportações do agronegócio, em especial o complexo soja (grão, farelo e óleo), fumo, calçados de couro, carnes de galos/galinha e de suínos, trigo, peles e couros, pasta química de madeira e móveis de madeira. No segmento do agronegócio, a balança comercial do Estado tem sido superavitária, contribuindo para um acréscimo do saldo comercial. Entretanto a alta no custo de produção, motivada pela elevação do preço do petróleo, aliada à queda de preço de alguns produtos agropecuários no mercado externo, nos últimos meses, devido ao aumento da safra nos Estados Unidos, poderá resultar em um cenário menos otimista em futuro próximo.

Além dos produtos do agronegócio, cabe salientar as exportações de máquinas e implementos agrícolas e suas partes, bem como as de automóveis, tratores, partes e acessórios, as de plásticos e as de produtos químicos orgânicos, que também serão analisados a seguir.

4.1 - As exportações por capítulos e subcapítulos

Por valor, os principais capítulos (Tabela 3), que, juntos, representam 51% das vendas externas, e sua participação na pauta exportadora, bem como as principais mercadorias exportadas em cada um deles, foram: NCM 64 - calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes (13,2%), com destaque para os calçados de couro; NCM 24 - fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados (12,8%), onde predominou a venda de fumo em folhas; NCM 02 - carnes e miudezas, comestíveis (9,4%), com grande participação das exportações de aves seguida da de suínos; NCM 87 - veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios (7,8%), onde se sobressaíram o valor embarcado de tratores e suas partes, bem como de carroçarias para veículos de transporte acima de 10 pessoas ou para carga; e NCM 84 - reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos (7,6%), onde se destacaram as máquinas agrícolas, como máquinas e aparelhos para colheita e suas partes, ceifeira-debulhadora, motores diesel e semidiesel, aparelhos de ar condicionado e suas partes.

Tabela 3

Valor e participação percentual, por capítulo da nomenclatura comum do Mercosul,
das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out. 2003-04

CAPÍTULOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2003 (US\$ FOB 1 000)	2004 (US\$ FOB 1 000)	Variação %	2003	2004
64 - Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	982 022	1 091 035	11,10	14,65	13,19
24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	871 710	1 057 880	21,36	13,01	12,79
02 - Carnes e miudezas, comestíveis	544 903	775 096	42,24	8,13	9,37
87 - Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios	401 994	642 946	59,94	6,00	7,77
84 - Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc, mecânicos	500 494	633 144	26,50	7,47	7,65
12 - Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	792 569	629 633	-20,56	11,82	7,61
23 - Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	263 426	371 187	40,91	3,93	4,49
41 - Peles, exceto a peleteria (peles com pêlos), e couros	306 943	348 414	13,51	4,58	4,21
39 - Plásticos e suas obras	305 616	343 378	12,36	4,56	4,15
15 - Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	207 691	234 959	13,13	3,10	2,84
94 - Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	146 735	231 062	57,47	2,19	2,79
29 - Produtos químicos orgânicos	144 918	199 774	37,85	2,16	2,41
10 - Cereais	13 848	198 546	1333,74	0,21	2,40
40 - Borracha e suas obras	129 182	133 323	3,21	1,93	1,61
44 - Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	97 245	124 092	27,61	1,45	1,50
85 - Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	89 094	113 173	27,03	1,33	1,37
Subtotal	5 798 390	7 127 643	22,92	86,51	86,15
Outros	904 099	1 145 517	26,70	13,49	13,85
TOTAL	6 702 489	8 273 160	23,43	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Os capítulos que apresentaram as maiores taxas de crescimento, quando se comparam os 10 primeiros meses de 2004 com o mesmo período de 2003, foram: NCM 10 - cereais (1.333,7%), em especial pelas vendas de trigo; NCM 27 - combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais (186,8%), pelas exportações de gasolina, misturas dos hidrocarbonetos aromatizados e outros óleos combustíveis; e NCM 31 - adubos e fertilizantes (104,5%), em especial os com nitrogênio, fósforo e potássio e os adubos e fertilizantes com fósforo e potássio, sendo que esta última mercadoria apresentou um crescimento de 271%. Por outro lado, destaca-se o fato de o Capítulo 12 da NCM - sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc. ter se reduzido em 20,6%, tendo em vista a queda das exportações de soja em grão, principal mercadoria, perdendo participação na pauta exportadora gaúcha.

Dado que os capítulos abrangem várias mercadorias, discriminadas na NCM a oito dígitos, estas foram agregadas a quatro dígitos, ou seja, em subcapítulos. Pretende-se, com isso, facilitar a análise que, dessa forma, não fica nem tão agregada, como no caso dos capítulos (dois dígitos), nem tão desagregada, como no caso das mercadorias. No período em análise, os principais subcapítulos, formados por um grupo de mercadorias, foram selecionados pelo valor exportado, são discriminados na Tabela 4 e analisados a seguir.

Fumo não manufaturado

As vendas desse subcapítulo (US\$ 1.034,3 milhões) representam 98,3% das receitas do capítulo fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados, o que denota a venda predominante de um produto básico, de baixo valor agregado, cujo crescimento, de janeiro a outubro de 2004, em relação ao mesmo período de 2003, foi de 21,1%, tendo em vista os baixos estoques mundiais. A exportação de fumo em folhas, a cargo, em especial, de empresas multinacionais sediadas no Estado, é preponderantemente do tipo Virginia e, em menor quantidade e valor, do tipo Burley. Os principais destinos foram: Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Filipinas, Japão, Holanda e Rússia.

Tendo em vista que 40 países, dentre os quais o Brasil², já assinaram a Convenção-Quadro para Controle do Tabaco, proposta pela Organização Mundial da Saúde e prevista para entrar em vigor em 1º de abril de 2005, é possível que, no futuro, exportar fumo se torne mais difícil, tendo em vista as inibições a serem criadas com regras mais rígidas contra o tabagismo.

² O Brasil ainda precisa ratificar a convenção, uma vez que os tratados internacionais no País, para serem internalizados, devem ser aprovados pelo Congresso Nacional.

Tabela 4

Valor e participação percentual, por subcapítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out. 2003-04

SUBCAPÍTULOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2003 (US\$ 1 000 FOB)	2004 (US\$ 1 000 FOB)	Variação %	2003	2004
2401 - Fumo (tabaco) não manufaturado; desperdício de fumo (tabaco)	853 946	1 034 315	21,12	12,74	12,50
6403 - Calçados com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de couro natural	847 195	919 989	8,59	12,64	11,12
1201 - Soja, mesmo triturada	789 742	626 571	-20,66	11,78	7,57
0207 - Carnes e miudezas, comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas, das aves da posição 0105	404 732	557 959	37,86	6,04	6,74
2304 - Tortas (bagaços) e outros resíduos sólidos, mesmo triturados ou em <i>pellets</i> , da extração de óleo de soja	255 307	359 499	40,81	3,81	4,35
3901 - Polímeros de etileno, em formas primárias ...	225 282	265 133	17,69	3,36	3,20
8701 - Tratores (exceto os carros-tratores da posição 8709)	146 724	264 060	79,97	2,19	3,19
1507 - Óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinados, mas não quimicamente modificados	204 265	231 772	13,47	3,05	2,80
4107 - Peles depiladas de outros animais ou peles de animais desprovidos de pêlos, preparadas, exceto as das posições 4108 ou 4109 ...	140 074	203 043	44,95	2,09	2,45
9403 - Outros móveis e suas partes	125 382	190 003	51,54	1,87	2,30

(continua)

Tabela 4

Valor e participação percentual, por subcapítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, das exportações do Rio Grande do Sul— jan.-out. 2003-04

SUBCAPÍTULOS	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2003 (US\$ 1 000 FOB)	2004 (US\$ 1 000 FOB)	Variação %	2003	2004
8433 - Máquinas e aparelhos para colheita ou debulha de produtos agrícolas, incluídas as enfardadoras de palha ou forragem; cortadores de grama (relva) e ceifeiras; máquinas para limpar ou selecionar ovos, frutas ou outros produtos agrícolas, exceto as da posição 8437	118 094	181 637	53,81	1,76	2,20
1001 - Trigo e mistura de trigo com centeio	58	170 491	291 412	0,00	2,06
0203 - Carnes de animais da espécie suína, frescas refrigeradas ou congeladas	108 173	152 068	40,58	1,61	1,84
8708 - Partes e acessórios dos veículos automóveis das posições 8701 a 8705	103 575	151 367	46,14	1,55	1,83
4104 - Couros e peles, depilados, de bovinos e de eqüinos, preparados, exceto os das posições 4108 ou 4109	157 926	137 531	-12,91	2,36	1,66
8707 - Carroçarias para veículos automóveis das posições 8701 a 8705, incluídas as cabinas	91 559	123 059	34,40	1,37	1,49
Subtotal	4 572 035	5 568 497	21,79	68,21	67,31
Outros	2 130 454	2 704 663	26,95	31,79	32,69
TOTAL	6 702 489	8 273 160	23,43	100,00	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Calçados de couro

Durante os primeiros 10 meses de 2004, de acordo com os dados da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), o Estado continua sendo o maior exportador de calçados do País, representando 70% do valor e 56,5% da quantidade de calçados brasileiros exportados. Essa percentagem é inferior à de anos anteriores, tendência já detectada, tendo em vista o deslocamento de algumas empresas gaúchas ou a abertura de novas unidades na Região Nordeste, o que tem contribuído para que o Ceará, segundo maior pólo exportador de calçados no País, venha aumentando a sua representatividade.

Do total exportado pelo Estado, no Capítulo NCM 64, os calçados de couro natural (NCM 6403) representam 84% do total, sendo menos relevantes as vendas externas de calçados de borracha, plástico ou matéria têxtil e partes de calçados. Mesmo assim, o valor das exportações de calçados com parte superior de couro natural (US\$ 920 milhões) cresceu, de janeiro a outubro de 2004, apenas 8,6%, denotando um menor dinamismo do que as exportações em geral do RS, que aumentaram 23,4%. Os Estados Unidos permanecem como principal destino, apesar da ínfima taxa de crescimento (0,1%), quando comparada com os primeiros 10 meses de 2003, seguido, por ordem de valor, de Reino Unido (32,4%), Argentina (28,1%), Canadá (40,1%) e Alemanha (37,9%). As exportações gaúchas são de sapatos considerados de nível médio, com preço em torno de US\$ 11, nos 10 primeiros meses de 2004, segundo dados da Abicalçados.

A maior parte das vendas externas gaúchas e brasileiras de calçados é realizada pela contratação de empresas locais para os produzirem para marcas internacionais, e, só mais recentemente, as empresas calçadistas passaram a desenvolver canais próprios de comercialização e a promover a inserção de suas marcas no mercado internacional (Indústria..., 2004). De acordo com os *experts* do setor, observa-se um aumento do número de pequenas empresas exportadoras, que estão vendendo marca própria com maior valor agregado, tendo em vista o reconhecimento da moda e do *design* brasileiros no Exterior.

Complexo soja (grãos, farelo e óleo)

Tendo em vista as inter-relações entre os três subcapítulos que compõem o complexo soja (NCM 1201, NCM 2304 e NCM 1507), estes são analisados em conjunto. Nos primeiros meses de 2004, os preços internacionais do grão, do farelo e do óleo apresentaram um incremento, tendo alcançado seu pico em abril para o grão e para o farelo e em março para o óleo bruto. A partir daí houve uma redução significativa, atingindo seu menor nível em outubro, segundo dados da

Bolsa de Chicago, onde são definidos os preços de mercado (Abiove, 2004). O que deu sustentação aos preços nos primeiros meses do ano foi a forte demanda internacional aliada à falta de produto. Mas os estoques mundiais voltaram a crescer com o grande incremento da produção norte-americana, o que repercutiu negativamente sobre os preços internacionais, os quais devem decrescer ainda mais no ano de 2005, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (Abiove).

No Brasil, todos os produtos do complexo tiveram aumento do valor exportado no acumulado jan.-out./04, em relação ao mesmo período de 2003. No RS, o valor exportado do farelo de soja apresentou um crescimento significativo (40,8%), enquanto o óleo de soja teve um acréscimo menor da receita de exportação (13,5%). Já a soja em grãos diminuiu o valor das vendas para o Exterior em 20,7%.

No RS, o decréscimo das vendas externas de grãos deveu-se à quebra na safra gaúcha, adicionado ao embargo chinês ao produto brasileiro, de 30 de abril a 21 de junho de 2004, que comprometeu parte das vendas nesse mercado, o qual absorveu mais da metade das exportações de soja em grãos nesses 10 primeiros meses em análise. A queda só não foi maior porque, enquanto as vendas de soja em grãos para a China decresceram 28%, para outros países asiáticos, como Tailândia, Malásia e Bangladesh, as exportações foram significativamente mais elevadas.

Já em relação ao subcapítulo NCM 2304 - tortas (bagaços) e outros resíduos sólidos, mesmo triturados ou em *pellets* da extração de óleo de soja, onde predomina basicamente o farelo de soja, os principais destinos das exportações gaúchas foram a Espanha, seguida de Tailândia, Indonésia e Itália.

Quanto ao óleo de soja, novamente se destacam as vendas para a China, que absorveu mais da metade das exportações desse produto realizadas pelo RS, seguida de Irã, Índia e Bangladesh.

Carnes

No que se refere às exportações de carnes, as de aves e de suínos foram os principais subcapítulos exportados, os quais são analisados a seguir.

Carnes de aves (NCM 0207)

O valor das carnes de aves exportadas (US\$ 558 milhões) cresceu 37,9% no acumulado jan.-out./04, em relação a idêntico período do ano de 2003, devido à recuperação dos preços externos e por sucessivas crises sanitárias nos prin-

cipais concorrentes brasileiros. Esse aumento foi impulsionado, principalmente, pelo incremento do valor embarcado de pedaços e miudezas de aves (62%), uma vez que as vendas de aves inteiras apresentaram um menor crescimento (5%). No acumulado jan.-out./04, os preços médios da carne de frango gaúcha vendida ao Exterior cresceram — 5,7% para o frango inteiro e 27,1% para os cortes — em relação ao mesmo período de 2003. A exportação de produtos de maior valor agregado propiciou um aumento da rentabilidade das vendas no mercado internacional, o que foi muito importante, dada a apreciação da moeda brasileira.

Enquanto os principais mercados para os cortes de frango, de maior valor agregado, foram Japão e Holanda, para os frangos inteiros, o Oriente Médio foi o mercado mais representativo, apesar de ter se verificado uma redução de suas compras, em especial, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes. Para os mercados árabes, são exigidos os cumprimentos das regras islâmicas para o abate, e, por isso, algumas unidades de abate precisaram adaptar suas instalações.

Vale destacar que, até mesmo no problemático mercado russo, devido à imposição de cotas às importações, as exportações de aves inteiras e em corte registraram elevação de receita, tendo sido, nesses 10 primeiros meses, o terceiro maior importador de aves do RS.

Carnes de suínos (NCM 0203)

As exportações desse subcapítulo (US\$ 152,1 milhões) cresceram 40,6%, com realce para as outras carnes de suíno congeladas (US\$ 136,7 milhões), que apresentaram um incremento no valor embarcado de 68,4%. A segunda principal mercadoria foram carcaças e meias-carcaças de suíno congeladas, que, no entanto, tiveram um significativo decréscimo em seu faturamento (-43,3%). Os principais mercados para os suínos foram Rússia, Hong Kong, Argentina e Holanda, que, juntos, absorveram 76% do valor embarcado. As vendas de carne suína do Estado, assim como as do País, foram prejudicadas pelas cotas russas impostas, sentidas mais nos primeiros meses de 2004, e pelas grandes discussões na Argentina sobre o prejuízo das importações de suínos no seu mercado interno, que cresceu, mesmo assim, 48,1%.

Polímeros de etileno, em formas primárias

Esse subcapítulo é formado basicamente por polietileno, que é a denominação de cada um dos polímeros de etileno. O polietileno sem carga, com den-

sidade inferior e superior a 0,94 em forma primária, o polietileno linear com densidade inferior a 0,94 em forma primária e outros polímeros de etileno são as principais mercadorias exportadas nesse subcapítulo, cujo valor atingiu US\$ 265,1 milhões, com um incremento de 17,7% de janeiro a outubro de 2004, em relação aos primeiros 10 meses do ano anterior. Esse aumento do valor deve-se, basicamente, ao incremento dos preços internacionais, uma vez que as quantidades exportadas decresceram. Sobressaíram-se as vendas para o Cone Sul, em especial para Argentina e Chile, em sua forma primária, que possui importantes e variadas aplicações industriais.

Peles e couros

As vendas externas do Capítulo 41, pelo RS, até outubro de 2004 superaram, em valor (13,5%) e em quantidade (11,1%), os embarques dos 10 primeiros meses de 2003, tendo representado 32,4% do faturamento e 24% do volume de peles e couros exportado pelo Brasil. Os principais subcapítulos — NCM 4107 - peles depiladas de outros animais ou peles de animais desprovidos de pêlos, preparadas e NCM 4104 - couros e peles depilados, de bovinos e eqüinos, preparados — representaram 98% das vendas do capítulo, sendo que o primeiro apresentou uma taxa de crescimento do valor exportado de quase 45%, e o segundo teve uma diminuição de 13%.

Enquanto, no Brasil, em quantidade, predominaram as vendas de couro *wet-blue* (primeiro estágio de produção), no RS, em número de couros, preponderou o couro acabado (2,6 milhões de couros), seguido do couro *wet-blue* (2,2 milhões de couros) no acumulado jan.-out./04. Em valores, salientaram-se as vendas de couro acabado (US\$ 187,6 milhões), de *crust* — ou semi-acabado — (US\$ 72,1 milhões) e, logo depois, o *wet-blue* (US\$ 60,5 milhões), pois as vendas de couro salgado foram bastante menores, segundo dados da Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul (Estatist. Men. Export. Couro, 2004). Nos 10 primeiros meses de 2004, os principais destinos foram Hong Kong e Estados Unidos, que elevaram o volume e o valor importado, seguidos de Itália e China, que reduziram o valor das compras de couro.

Os empresários da cadeia coureiro-calçadista, ao longo dos meses de 2004 em análise, demonstraram uma grande resistência à queda da sobretaxa de exportação do couro *wet-blue*, pois afirmavam que, dessa forma, se estaria remetendo aos concorrentes internacionais uma mercadoria de baixo valor agregado. A alíquota passou de 9% em 2003 para 7% em janeiro de 2004, e estava programada sua redução para 4% em janeiro de 2005. No entanto, gestões dos empresários junto à Câmara de Comércio Exterior (Camex) possibilitaram o

adiamento da redução, mantendo-se a alíquota de exportação do *wet-blue* em 7% para 2005 (Camex..., 2004).

Máquinas para colheita e debulha de produtos (NCM 8433)

No subcapítulo NCM 8433, as três principais mercadorias, que representaram 99% do valor exportado, foram: outras máquinas e aparelhos para colheita; ceifeiras-debulhadoras; e partes de outras máquinas e aparelhos para colheita, debulha, etc. As vendas desse subcapítulo atingiram US\$ 181, 6 milhões no acumulado jan.-out./04, com um incremento de 53,8% em relação aos mesmos 10 meses do ano anterior. O ritmo crescente nas exportações de maquinário agrícola registrado ao longo de 2004 coloca o porto de Rio Grande como o principal pólo exportador desse tipo de carga no Brasil, sendo os principais destinos a América do Sul, em especial Argentina, Venezuela, Paraguai e Bolívia, e Estados Unidos.

Móveis e suas partes (NCM 9403)

As exportações gaúchas de móveis de janeiro a outubro de 2004 totalizaram US\$ 203 milhões, com um incremento de 51,5% sobre os 10 primeiros meses de 2003, sendo o Rio Grande do Sul o segundo maior estado exportador de móveis do Brasil. O ritmo dessas vendas reduziu-se em setembro e outubro, devido à alta dos insumos, em especial do aço, do plástico e da madeira, que elevaram os custos de produção. Distinguiram-se as vendas de móveis de madeira, particularmente os para quartos de dormir, para cozinha e escritório, bem como a exportação de acessórios e componentes para móveis. As empresas mobiliárias exportadoras e seus fornecedores estão investindo para atender a necessidades diferenciadas, com novos *designs* e acabamento. Os principais destinos dos móveis foram Estados Unidos, Reino Unido, Chile e Argentina.

Trigo e mistura de trigo com centeio (NCM 1001)

As vendas de trigo (exclusive o trigo duro) e trigo com centeio atingiram US\$ 170,5 milhões para uma quantidade de 1,09 milhão de toneladas nos primeiros 10 meses de 2004, ultrapassando as expectativas de exportações de trigo da safra 2003/2004, uma vez que esse produto, até 2003, era pouco representativo na pauta gaúcha. Os principais destinos do trigo gaúcho, que representou cerca de 79% do volume embarcado pelo Brasil, foram Marrocos, Argé-

lia e Romênia, sendo o preço médio de venda de US\$ 156,21 a tonelada. Contudo, no início da nova colheita, em setembro de 2004, os preços no mercado internacional mostravam declínio, tendo em vista a maior oferta mundial, onde se salienta a Argentina, principal concorrente da mercadoria nacional.

Veículos, automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios

Neste capítulo, destacaram-se três subcapítulos, os quais são analisados a seguir.

Tratores (NCM 8701)

O valor exportado desse subcapítulo (US\$ 264,1 milhões) distinguiu-se pela sua taxa de crescimento (80%) no acumulado jan.-out./04, em relação a idêntico período do ano anterior. Os principais mercados foram América do Sul, em especial Argentina, Venezuela, Paraguai e Chile, e Estados Unidos e África do Sul.

Partes e acessórios dos veículos automóveis (NCM 8708)

A venda de partes e acessórios cresceu 46,1%, atingindo o montante de US\$ 151,4 milhões, sendo as principais mercadorias exportadas as partes e acessórios para tratores e veículos automóveis, em especial para Estados Unidos e México. Distinguiram-se também, mas em menor valor, as vendas de freios, caixa de direção, rodas e suas partes.

Carroçarias para veículos automóveis (NCM 8707)

As vendas externas de carroçarias alcançaram US\$ 123,1 milhões, com um acréscimo de 34% em relação aos 10 primeiros meses de 2003, tendo sido México, Chile, África do Sul e Argentina os principais destinos. As mercadorias de maior valor transacionadas nesse subcapítulo foram as carroçarias para veículos automóveis para transporte de 10 pessoas ou mais ou para cargas; e carroçarias, incluindo as cabinas, para *dumpers* e tratores, exclusive os rodoviários.

4.2 - As exportações por destino

Uma vez apresentados os principais subcapítulos exportados, passa-se agora a contemplar os principais destinos das vendas externas gaúchas, ressaltando os capítulos mais significativos e, dentro destes, algumas mercadorias.

No período em análise, mais de um terço do valor embarcado estava concentrado em três mercados: Estados Unidos (19,6%), Argentina (8,8%) e China (7,2%). Em nível de blocos econômicos, salienta-se o Acordo de Livre Comércio Norte-Americano (NAFTA), que engloba EUA, Canadá e México, com 23,1% do valor transacionado pelo RS com o Exterior, seguido da Ásia (exclusive Oriente Médio), com 19%, União Européia, com 18,7%, — sendo que, para estes dois últimos, se salientaram as vendas do complexo soja, de fumo, da carne e de couros —, e Mercosul, com 12% (Tabela 5).

Os países que apresentaram as maiores taxas de crescimento do valor exportado em relação a janeiro a outubro de 2003 foram: Venezuela (253,4%), devido ao grande incremento de vendas de máquinas e aparelhos para colheita e suas partes, farelo de soja e silos para cereais; Tailândia (138,2%), com grande representatividade dos embarques de soja em grãos e farelo de soja; e Filipinas (126,4%), para onde as exportações de fumo preponderaram, sendo que estes dois últimos países absorveram, em conjunto, apenas 4,6% do total das vendas externas gaúchas.

No que tange aos blocos, os maiores acréscimos nas vendas externas foram para a Comunidade Andina das Nações (CAN), que engloba Bolívia, Peru, Venezuela, Equador e Colômbia (78,9%), seguida do Mercosul (52,5%). Portanto, a América do Sul demonstrou ser importante mercado para os produtos gaúchos, com destaque para os tratores e máquinas agrícolas, graças à recuperação da atividade agrícola em vários países vizinhos, como Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

O crescimento das relações com os países sul-americanos reveste-se de grande relevância pelo tipo de produto que é mais exportado pelo Rio Grande do Sul e pelo Brasil — produtos manufaturados de alto valor agregado —, adicionado ao fato do impulso às relações comerciais que poderá ocorrer com o aprofundamento dos acordos comerciais bilaterais e plurilaterais, em andamento, para a formação de zonas de livre-comércio.

Na Tabela 6, são discriminados, para os países mais representativos na pauta exportadora do Rio Grande do Sul, no acumulado jan.-out./04, o montante e a participação dos cinco principais capítulos exportados, bem como a taxa de crescimento em relação a idêntico período do ano anterior.

Tabela 5

Valor e participação percentual, por blocos econômicos e países selecionados, das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out. 2003-04

BLOCOS E PAÍSES	VALOR			PARTICIPAÇÃO %	
	2003 (US\$ 1 000 FOB)	2004 (US\$ 1 000 FOB)	Varição %	2003	2004
NAFTA	1 724 087	1 910 197	10,8	25,7	23,1
Estados Unidos	1 517 650	1 622 094	6,9	22,6	19,6
México	153 731	203 095	32,1	2,3	2,5
América do Sul	1 025 737	1 609 646	56,9	15,3	19,5
Mercosul	652 034	994 191	52,5	9,7	12,0
Argentina	471 827	725 104	53,7	7,0	8,8
Comunidade Andina das Nações ...	205 843	368 156	78,9	3,1	4,5
Venezuela	40 629	143 590	253,4	0,6	1,7
Chile	162 482	236 481	45,5	2,4	2,9
Ásia (exclusive Oriente Médio) ...	1 328 953	1 573 651	18,4	19,8	19,0
China	638 731	597 791	-6,4	9,5	7,2
Japão	143 354	206 798	44,3	2,1	2,5
União Européia	1 418 237	1 543 448	8,8	21,2	18,7
Alemanha	308 122	277 222	-10,0	4,6	3,4
Reino Unido	197 848	255 777	29,3	3,0	3,1
Holanda	179 808	218 933	21,8	2,7	2,6
Oriente Médio	406 859	427 532	5,1	6,1	5,2
Arábia Saudita	113 069	119 568	5,7	1,7	1,4
Demais	798 617	1 208 686	51,3	11,9	14,6
TOTAL	6 702 489	8 273 160	23,4	100,0	100,0

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Para os Estados Unidos, destacou-se o grande crescimento das exportações de veículos, automóveis, tratores, suas partes e acessórios (110%), ao mesmo tempo em que se verificou um decréscimo das vendas de fumo, em especial do não manufaturado. Ainda se sobressaíram, pelos valores exportados, calçados de couro, benzeno, tratores e suas partes e acessórios e madeira de conífera serrada.

Tabela 6

Valor e participação percentual, por países e capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out./04

PAÍSES	CAPÍTULOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)	% 2004/2003	PARTICIPAÇÃO % EM 2004
EUA	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	656 770	0,1	40,5
	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	169 771	-2,0	10,5
	Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios	109 719	110,0	6,8
	Produtos químicos orgânicos ...	93 183	17,7	5,7
	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	82 075	-53,4	5,1
	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	209 658	83,9	12,9
	Plásticos e suas obras	126 524	40,1	17,4
Argentina	Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios	101 490	84,5	14,0
	Produtos químicos orgânicos ...	49 653	32,2	6,8
	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	39 923	28,1	5,5
	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	343 688	-28,0	57,5
	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	116 515	112,7	19,5
China	Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	39 998	269,8	6,7
	Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros	36 504	-4,1	6,1
	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	30 954	-6,7	5,2
	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	118 542	26,0	42,8
	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	31 075	37,9	11,2
Alemanha	Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	24 712	20,7	8,9
	Carnes e miudezas comestíveis	24 210	-24,0	8,7
	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	23 688	45,7	8,5

(continua)

Tabela 6

Valor e participação percentual, por países e capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out./04

PAÍSES	CAPÍTULOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)	% 2004/2003	PARTICIPAÇÃO % EM 2004
Reino Unido	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	95 400	32,4	37,3
	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	39 746	51,7	15,5
	Carnes e miudezas, comestíveis	35 920	2,7	14,0
	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	25 239	10,3	9,9
	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	25 152	92,8	9,8
	Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios	72 888	57,2	30,8
Chile	Plásticos e suas obras	46 854	27,9	19,8
	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	29 764	69,0	12,6
	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	18 963	7,9	8,0
	Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	13 061	86,2	5,5
	Carnes e miudezascomestíveis	57 487	42,8	26,3
	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	47 852	-22,6	21,9
Holanda	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	16 618	38 922,4	7,6
	Produtos químicos orgânicos	16 200	90,2	7,4
	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	16 032	0,8	7,3
	Carnes e miudezas, comestíveis	92 670	156,3	44,8
Japão	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	57 916	18,7	28,0
	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	36 248	4,6	17,5
	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	6 152	13,3	3,0
	Borracha e suas obras	4 227	-48,6	2,0

(continua)

Tabela 6

Valor e participação percentual, por países e capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out./04

PAÍSES	CAPÍTULOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)	% 2004/2003	PARTICIPAÇÃO % EM 2004
México	Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios	71 562	46,4	35,2
	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	27 757	7,7	13,7
	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	26 506	63,2	13,1
	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes ...	22 053	16,7	10,9
	Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc. de metais comuns	8 291	30,3	4,1

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Salientaram-se, pelo incremento do valor exportado para a Argentina, os capítulos reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos, em particular pelas vendas de motores diesel e semidiesel, ceifeiras-debulhadoras e outras máquinas e aparelhos para colheita; veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios, com grande embarque de tratores e suas partes e de carroçarias. Já nos plásticos, a principal mercadoria foi o polietileno, e, nos produtos químicos orgânicos, o benzeno e o buta-1,3-dieno não saturado.

Para a China, as vendas foram basicamente de grãos e óleo de soja, seguidos de celulose e fumo não manufaturado, mas também cabe ressaltar o couro, apesar de sua redução no valor exportado.

Para Alemanha, Reino Unido e Holanda, países da União Européia, dentre os capítulos mais exportados, foram comuns: os calçados, com predomínio de calçados de couro, mas sendo relevante, para a Alemanha, as partes superiores de calçados e seus componentes; o fumo não manufaturado; e carnes e miudezas comestíveis, com destaque para os pedaços e miudezas, comestíveis congelados de galos/galinhas e de carnes de peruas/perus.

Já para o Chile, predominaram as vendas de carroçarias, reboques e veículos para mais de 10 pessoas e tratores no capítulo veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios, que foi o de maior valor exportado para esse país. Também foram significativos os valores das exportações de polietileno, máquinas e equipamentos, calçados e móveis.

O Japão importou do Estado, nos 10 primeiros meses de 2004, cortes de aves congeladas, fumo não manufaturado e madeira de não coníferas, em estilhas ou em partículas. E as principais mercadorias embarcadas para o México foram: carroçarias, autopeças, tratores, fumo não manufaturados, calçados de couro e de borracha, partes de máquinas e aparelhos de ar condicionado, dentre outras.

5 - Considerações finais

Analisando-se os dados disponíveis até outubro de 2004, percebe-se que as taxas de crescimento das exportações e importações gaúchas foram inferiores às apresentadas pelo Brasil. O menor desempenho deveu-se, em parte, à perda de empresas exportadoras para outras unidades da Federação, como também ao grande crescimento de preços de algumas *commodities*, como petróleo e aço, as quais são vendidas ao Exterior, preponderantemente, por outros estados, aliado à perda de parte da safra de soja do Estado.

Verificou-se, nos primeiros 10 meses de 2004, o crescimento das exportações gaúchas de produtos manufaturados de maior valor agregado ao mesmo tempo em que ganharam destaque os produtos do agronegócio. Não obstante os grandes esforços empreendidos para diversificar a pauta exportadora e o destino das vendas, sabe-se que essas modificações são lentas, pelas inúmeras negociações e pelos custos de abertura de novos mercados envolvidos. Por conseguinte, apesar da maior diversificação de mercados e de produtos, ainda mais de um terço do valor embarcado esteve concentrado em apenas três capítulos (calçados, fumo e carne) e em três países (Estados Unidos, Argentina e China).

A retomada do crescimento dos países desenvolvidos, a continuidade da expansão da Argentina e o aprofundamento das relações comerciais com a Ásia, em especial com a China, foram alguns dos fatores que contribuíram para a expansão das exportações gaúchas, assim como das brasileiras. Situações pontuais, como as restrições de exportações para alguns importantes países produtores de carnes, devido a doenças como a da “vaca louca” e a “gripe do frango”, também contribuíram para o incremento das vendas externas, apesar do protecionismo ainda existente em alguns mercados. Mas, no plano doméstico, o aumento das atividades internas, aliado à continuidade da apreciação da taxa de câmbio real, poderá reduzir o fôlego exportador de segmentos industriais menos competitivos, adicionado à existência de deficiências de infra-estrutura,

que poderão se tornar importantes obstáculos ao crescimento futuro das exportações.

As exportações brasileiras e gaúchas participaram com cerca de 1% e 0,11%, respectivamente, nas exportações mundiais, nos últimos três anos. Se, por um lado, representam um percentual muito pequeno e quase insignificante no caso da economia gaúcha, as vendas externas são relevantes em algumas mercadorias e podem ser uma excelente oportunidade de aumentar a produção e de obter ganhos de escala em outras, além de contribuírem para o incremento da rentabilidade das empresas. Ademais, se o Brasil e o Estado se mantiverem com taxas de crescimento de suas exportações superiores às do comércio internacional, como tem ocorrido nos últimos dois anos, poderão aumentar a sua participação nesse comércio. Torna-se, pois, indispensável que, frente a um mercado internacional cada vez mais competitivo, as empresas gaúchas estejam constantemente atentas às mudanças nesse ambiente, para poderem aumentar a sua representatividade pela entrada em novos mercados e/ou pela ampliação nos já conquistados.

Referências

ABIOVE - Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais. Disponível em: <http://www.abiove.com.br/prec04br.html> Acesso em: 5 dez. 2004.

CAMEX prorroga por um ano taxa de 7% sobre o *wet-blue*. Disponível em: http://www.assintecal.org.br/assintecal/site/index.asp?cod_menu=281&cod_ctd1=3822. Publicado em 14 de dezembro de 2004. Acesso em 15.12.04.

ESTATÍSTICA MENSAL DAS EXPORTAÇÕES DE COUROS. Novo Hamburgo, AICSUL, jan./out. 2004.

INDÚSTRIA de calçados agora aposta em marcas próprias. Disponível em: http://ctcca.locaweb.com.br/index.php?idiomas_id=1&acao=noticias¬icias_id=300 Acesso em: 13 dez. 2004.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em: 5 dez. 2004.

MANZANO, Nivaldo. Declínio do dólar pode reacender o protecionismo. **Gazeta Mercantil**, [São Paulo], 9 dez. 2004. p. A-6.